



PORTUGAL E O MAGREBE

**ACTAS DO 4º COLÓQUIO DE HISTÓRIA LUSO-MARROQUINA
ACTES DU IV COLLOQUE D'HISTOIRE MAROCO-LUSITANIENNE**

Índice

- 13 **NOTA INTRODUTÓRIA**
- 15 **ANTECEDENTES MEDIEVAIS**
- 17 O *RIBÁT* DA ARRIFANA, NO CONTEXTO ESPIRITUAL E POLÍTICO, ENTRE O *GHARB* E O *MAGHREB*
ROSA VARELA GOMES E MÁRIO VARELA GOMES
- 39 A PRESENÇA DE MOUROS NO ALGARVE D'AQUÉM APÓS A RECONQUISTA
VALDEMAR COUTINHO
- 45 O ATLÂNTICO MAGREBINO NO FINAL DA IDADE MÉDIA. PALCO POR EXCELÊNCIA DO
TERROR MEDIEVAL OU PONTO DE PARTIDA DE UMA NOVA ERA...
PAULO ESMERALDO CATARINO LOPES
- 67 **ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS**
- 69 O CONDE DE ARRAIOLOS E A POLÍTICA EXPANSIONISTA EM MARROCOS
MARIA DÁVILA
- 75 TECHNIQUES ET PRATIQUES MILITAIRES PORTUGAISES AU MAROC: ADAPTATIONS
ET INNOVAUTÉES
VÍTOR LUÍS GASPAS RODRIGUES
- 83 RETOUR SUR LA CONQUÊTE DE SAFI PAR LE PORTUGAL EN 1508
BERNARD ROSENBERGER

- 99 ECONOMIAS E REDES**
- 101** ACTIVITÉS PASTORALES ET PRODUITS DE L'ÉLEVAGE DANS L'ÉCONOMIE DES PLACES PORTUGAISES DU SUD DU MAROC (PREMIÈRE MOITIÉ DU XVI^e SIÈCLE)
YASSIR BENHIMA
- 109** OS AÇORIANOS EM MARROCOS NO SÉCULO XVI:
O TESTEMUNHO DE GASPAR FRUTUOSO
JOSÉ DAMIÃO RODRIGUES e MARIA DE FÁTIMA GALAMA
- 117** FORTUNAS JUDAICAS DE SALÉ. CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS NEGÓCIOS DA
“NAÇÃO PORTUGUESA” (SÉCULO XVII)
JOSÉ ALBERTO RODRIGUES DA SILVA TAVIM
- 129 PATRIMÓNIOS E ESPAÇOS**
- 131** VESTIGIOS ARQUEOLÓGICOS DEL PERIODO PORTUGUÉS (1415-1668) EN CEUTA
FERNANDO VILLADA PAREDES, JOSÉ M. HITA RUIZ y JOSÉ SUÁREZ PADILLA
- 165** CASTELLO NOVO, APPROCHE HISTORIQUE & ARCHITECTURALE
SAÏD CHEMSI
- 177** FOUILLES ARCHÉOLOGIQUES À AZEMMOUR (2008): QUESTIONS HISTORIQUES
ET PREMIÈRES CONSTATATIONS
AZZEDDINE KARRA et ANDRÉ TEIXEIRA
- 199** L'ESPACE URBAIN D'AZEMMOUR PENDANT LA DOMINATION PORTUGAISE: BILAN DE
LA PREMIÈRE MISSION
JORGE CORREIA et ANA LOPES
- 213** *ARZILLA* – A GRAVURA INCOMPLETA DE GEORG BRAUN. APONTAMENTOS PARA O
ENTENDIMENTO DO PROCESSO DE OCUPAÇÃO PORTUGUESA NO SÉCULO XVI
LÍGIA GRAVE, PEDRO BAÍA et SÉRGIO BRAGA DA CRUZ
- 221** A FORTALEZA DE MAZAGÃO E A PORTA DO MAR
JOÃO BARROS MATOS
- 229** MAZAGÃO: CIDADE QUASE IDEAL
VÂNIA OLIVEIRA, MARTA MOTA PREGO e JOANA ROCHA SILVA

-
- 235 MAZAGÃO, DE MARROCOS À AMÉRICA
- 237 MAZAGÃO NO TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO
PAULO DRUMOND BRAGA
- 245 O TERRAMOTO DE 1755 EM MAZAGÃO
AUGUSTO FERREIRA DO AMARAL
- 257 O ABASTECIMENTO DE MAZAGÃO NO SÉCULO XVIII: O PAPEL DOS AÇORES
JOSÉ DAMIÃO RODRIGUES
- 265 MAZAGÃO, LA VILLE QUI TRAVERSA L'ATLANTIQUE DU MAROC A L'AMAZONIE
(1769-1783)
LAURENT VIDAL
- 275 REPRESENTAÇÕES E PERCURSOS
- 277 AS VIAGENS DE FREI JOÃO DE SOUSA AO MAGREBE NO SÉCULO XVIII: PERCURSOS,
ALOJAMENTOS E PRÁTICAS ALIMENTARES
ISABEL M. R. MENDES DRUMOND BRAGA
- 291 CATIVOS E RELIGIOSIDADES
- 293 CATIVOS E RESGATE EM PORTUGAL – DO DIREITO MEDIEVAL AO DIREITO MODERNO.
ALGUMAS NOTAS
MARGARIDA SEIXAS
- 311 NO CONTEXTO DE UM RESGATE GERAL DE CATIVOS: DIOGO CORREIA DA MOTA –
EMBAIXADOR DE D. JOÃO V NA CORTE DE MARROCOS (1728-1729)
EDITE ALBERTO
- 321 RELAÇÕES E HERANÇAS
- 323 MARROCOS E O MEDITERRÂNEO NA 2.^a METADE DO SÉCULO XVIII
JOÃO COSME
- 335 O NAUFRÁGIO DA FRAGATA TIGRE DO IMPERADOR DE MARROCOS EM DEZEMBRO
DE 1785. AS RELAÇÕES COM MARROCOS E A SUA POSTERIOR INSERÇÃO NO ESPAÇO
MAGREBINO
JORGE AFONSO

- 345 DISCURSOS E PRÁTICAS DE GUERRA
- 347 FALAR DE VIOLÊNCIA EM MARROCOS NOS SÉCULOS XV-XVI. A PERSPECTIVA DOS
CRONISTAS PORTUGUESES
PAULO VICENTE
- 353 LA COURSE AU MAROC PENDANT LA PREMIÈRE MOITIÉ DU XVI^e SIÈCLE: UNE AUTRE
FORME DE RÉSISTANCE?
AHMED BOUCHARB
- 359 BARBEROUSSE ET LES PORTUGAIS: LA COURSE BARBARESQUE VUE DES PLACES
LUSO-MAROCAINES ET D’AILLEURS
VASCO RESENDE
- 367 ALCÁCER QUIBIR REVISITADO
- 369 LA BATAILLE D’EL KSAR EL KEBIR «OUED EL MAKHAZEN» ET LE BESOIN DE NOUVELLES
APPROCHES
OTMANE MANSOURI
- 377 A BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR E A CRONÍSTICA PORTUGUESA
JOSÉ MANUEL GARCIA

A FORTALEZA DE MAZAGÃO E A PORTA DO MAR

JOÃO BARROS MATOS*

A intervenção sobre estruturas construídas de valor histórico é um campo particularmente sensível da actuação do arquitecto, em que cada situação específica requer um processo de trabalho e uma resposta de projecto individualizados e em que a prática encontra dificuldades em acompanhar alguns princípios elementares de intervenção. O conhecimento e a compreensão profundos do objecto de intervenção constituem uma fase essencial do complexo processo de projecto. Não apenas um conhecimento histórico, mas a compreensão das estruturas construídas e sua evolução ao longo do tempo, desde diferentes perspectivas de abordagem. Tal, requer um trabalho de investigação, centrado na observação e interpretação das estruturas existentes, inseridas no seu contexto, sustentado pela informação proveniente dos diferentes tipos de fonte. Método comum a qualquer projecto de arquitectura, que, neste âmbito, exige uma sensibilidade e um rigor particulares.

Mazagão, com o seu valor histórico, possui hoje um forte potencial como elemento regenerador da cidade de El Jadida. Está no entanto sujeito a um crescente processo de degradação e descaracterização. Um conhecimento aprofundado sobre as estruturas existentes, terá uma utilidade essencial na definição de estratégias de conservação e valorização. Tendo em conta as particularidades do percurso histórico da vila-fortaleza e as limitações documentais, a investigação em curso é centrada na **observação e interpretação das estruturas construídas**, só por si, o documento mais completo que possuímos. Durante as visitas ocorridas entre 2000 e 2007, foi realizado o levantamento de diversos elementos e zonas da fortificação, sendo esta informação cruzada com a proveniente de diversas fontes, entre as quais se destacam os documentos publicados nas “Sources Inédites de L’histoire du Maroc” e em “A Construção de Mazagão”, de Rafael Moreira.

Entre os documentos gráficos conhecidos, pelo interesse da sua informação e pelo grau de rigor que possuem, destacamos a Planta de 1611 e a Planta do Engenheiro Simão dos Santos, de cerca de 1720. A **Planta de 1611**, que representa o conjunto constituído pelo perímetro fortificado, oferece informação de excepcional interesse sobre a estrutura da fortificação e as características do sistema construtivo, nomeadamente em relação a reparos e a baluartes. Possui informação única sobre os espaços interiores da fortaleza, incluindo os baluartes e os sistemas de acesso. A comparação entre os elementos representados no documento e a construção existente permite concluir que estamos perante um documento gráfico completo e rigoroso. Quanto à **Planta de cerca de 1720**, esta representa o conjunto constituído pelo perímetro abaluartado e a estrutura urbana, no seu interior. Com um elevado grau de pormenor, o desenho oferece informação importante sobre o perímetro abaluartado, incluindo reparos e baluartes, suas morfologias, construções existentes sobre eles, acessos às plataformas superiores, fossos e outras obras exteriores. Possui ainda informação detalhada sobre a malha urbana e os edifícios que a compõem.

Projectada de raiz, em 1541, a vila-fortaleza é pensada como um todo. O projecto da fortificação baseia-se num moderno sistema de frentes abaluartadas, onde é introduzido o baluarte pentagonal, na procura de uma defesa integrada, com fogo rasante e cruzado, entre baluartes e cortinas. Com um desenho erudito, a morfologia

* Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora. Centro de História de Arte e Investigação Artística.

da fortaleza é definida pelas cortinas quebradas e os baluartes que prolongam os cantos e se agarram ao território, conferindo-lhe uma noção de estabilidade e resistência. A planta do conjunto reflecte a preocupação com a proporção e o equilíbrio entre as partes, marcados pela presença estruturante do pequeno castelo preexistente, com a sua planta quadrada. Perímetro abaluartado e malha urbana organizam-se de forma racional em torno do castelo, que passa a constituir o centro geométrico do conjunto. Um avanço relativo do perímetro, em direcção ao mar, permite melhorar as condições globais de defesa e integrar a pequena Calheta, que reflecte a ligação preferencial do conjunto ao mar. Completamente cercada por água e com um franco acesso marítimo, esta é uma fortaleza do mar voltada contra terra, como uma enorme plataforma encaixada junto à costa, parte de um sistema de bases de apoio ao império marítimo.

Pelo modo como se insere no conjunto fortificado, a **Porta do Mar** tem uma presença intrigante. Por um lado, possui uma integração racional e estratégica, abrindo-se directamente da Rua da Carreira, para o mar, no enfiamento da Calheta. Por outro, é desadequada em relação ao conjunto, ao abrir e deixar desprotegida uma estrutura fortificada tão robusta. Não se conhecendo referências documentais em relação à sua origem, é normalmente tratada como uma das portas que sempre integrou o sistema defensivo da fortaleza abaluartada desde o século XVI, ou, por outro lado, é atribuída às obras marroquinas do século XIX.

A **Calheta**, protegida e dissimulada em relação a terra, assegura boas condições de acesso e desembarque, ao abrigo dos ventos atlânticos de Norte. A frente marítima, na qual não existiam canhoneiras, possuía um ponto de vigia, junto ao Baluarte do Anjo, para o controlo da Calheta. Hoje existem, na Calheta, duas portas de acesso ao interior da praça: a Porta da Ribeira e a Porta do Mar. A **Porta da Ribeira**, com um robusto arco de volta perfeita em cantaria de pedra calcária trabalhada, era servida, no exterior, por uma calçada com escada através da qual se realizava o acesso e o desembarque. No interior, possuía uma pequena antecâmara, com a espessura do reparo, que antecedia e protegia o acesso à praça. Parte importante desta estrutura existe ainda hoje, encontrando-se este espaço ocupado por uma padaria.

Aquela a que actualmente se chama **Porta do Mar**, no final da Rua da Carreira, aberta para a Calheta e voltada para a baía, é constituída por um arco de volta perfeita, em cantaria de pedra calcária, com cerca de sete metros de largura por quatro e meio de altura. A sua espessura corresponde à do reparo, num local onde este é particularmente largo, com cerca de cinco metros. Espessura significativa que contribui para o reforço da estabilidade da estrutura do arco e do próprio reparo. Desde o mar, realiza-se o acesso directo ao interior da fortificação, sem que exista qualquer antecâmara. A cantaria de pedra previa apenas a existência de mecanismo para a descida de uma grade de ferro, desde o interior do reparo. O vão, com a sua grande dimensão, é hoje encerrado por uma grade fixa, com uma pequena porta. A dimensão da abertura e a sua fragilidade em termos de segurança e defesa não correspondem a uma tipologia de porta de fortificação do século XVI, em que a concepção de todo o sistema defensivo se foca no reforço de uma defesa passiva.

Os **documentos gráficos** referentes ao período de permanência portuguesa não apresentam nem fazem qualquer referência a esta porta. Pelo contrário, as estruturas representadas contrariam a existência de uma abertura neste local. A Planta de 1611, que representa com clareza a estrutura dos reparos e os sistemas de portas, não inclui aqui nenhuma abertura, representando o reparo, como um maciço de espessura superior à média da fachada marítima. A nota que acompanha o documento refere-se à Porta da Ribeira como a única existente, através da qual a fortaleza foi socorrida durante o primeiro cerco, o que confirma que a Porta do Mar não existia no ano de 1562. Também a Planta de cerca de 1720 não apresenta qualquer referência à existência desta abertura. Pelo contrário, representa algumas construções, no interior da praça, frente ao reparo, no local onde hoje ela existe. Nesta Planta, como noutros documentos, a Porta da Ribeira passa a ser identificada com o nome de Porta do Mar, o que poderá contribuir para alguma confusão.

Em **termos construtivos**, a Porta do Mar é constituída por um arco robusto, de boa e sólida construção, executado numa pedra calcária dura e resistente, com uma cantaria constituída por peças de grande dimensão. Um tipo de pedra e aparelho semelhantes aos que são utilizados nas cantarias dos elementos aparelhados da construção do século XVI, como é o caso das sólidas e grandes canhoneiras, constituídas por uma cantaria de pedra de grandes dimensões, com uma estereotomia de desenho rigoroso e sofisticado. Concluímos que o tipo de construção da Porta

do Mar, o tipo de pedra utilizado e a qualidade do aparelho são características que se identificam perfeitamente com os diversos elementos de cantaria pertencentes à construção iniciada em 1541. Uma construção de qualidade que reflecte o domínio das técnicas construtivas que os portugueses possuíam, neste período.

Após a retirada de 1769, fortificação e vila permaneceram em ruínas durante cerca de cinquenta anos. Em 1821, foi iniciado um conjunto de **intervenções por parte dos marroquinos**. Em relação a estas intervenções, realizadas, durante o século XIX, em diversos elementos da estrutura fortificada, é escassa a documentação que podemos encontrar em Marrocos. No entanto, a análise das estruturas existentes, permite reconhecer com clareza, algumas características comuns a estas obras, nomeadamente, ao nível da tipologia dos elementos construídos, do tipo de pedra e do aparelho utilizados na construção. De modo geral, são intervenções rudimentares, com uma construção pobre, com elementos de cantaria de reduzida dimensão, de um arenito pouco resistente. Concluímos que a Porta do Mar possui características construtivas claramente distintas das que reconhecemos nas intervenções marroquinas de meados do século XIX, nomeadamente no que se refere à qualidade da construção, ao tipo de pedra e à qualidade do seu aparelho.

A **tipologia** do arco da Porta do Mar corresponde a uma solução estrutural que apresenta semelhanças com outros elementos da construção do século XVI, como acontece com o interior do Baluarte de Santo António ou com a estrutura interior da Porta da Ribeira. A própria fenda, recortada na cantaria desta porta, para a descida de grelha de protecção, é idêntica àquela que encontramos na Porta do Mar.

Também em **Ceuta**, no interior dos robustos baluartes, construídos na sequência dos de Mazagão, encontramos arcos, com funções estruturais, com uma tipologia semelhante. Com dimensões consideráveis, estes arcos integram a sólida estrutura dos muros exteriores dos baluartes, reforçando as zonas junto dos orelhões. Tudo indica terem sido construídos, desde origem, para permanecerem encerrados.

Por último, voltando a Mazagão, sabemos que a **Porta dos Bois**, pequena abertura em arco, incluída na cortina Norte, foi construída de origem em 1542, com o objectivo de assegurar e facilitar a entrada de materiais no interior do perímetro, provenientes, em grande parte, da abertura do fosso. Durante o cerco de 1562, já após os trabalhos de abertura do fosso Norte, a porta foi encerrada. Assim permaneceu até ao século XX, quando foi reaberta, na sequência do atulhamento do fosso.

Deste modo, chegamos às seguintes conclusões:

1. As representações gráficas, correspondentes ao período português, indicam que a Porta do Mar não existia, no momento a que se referem, nomeadamente entre 1562 e o século XVIII.
2. Fotografias, de finais do século XIX, apresentam a Porta do Mar tal como a conhecemos hoje.
3. As suas características construtivas, incluindo o tipo de pedra e o tipo de aparelho da cantaria com que é construída, são idênticas às que encontramos nos elementos da fortaleza construídos desde 1541 e não apresentam qualquer semelhança com as características das intervenções marroquinas do século XIX.
4. A sua tipologia não corresponde à de uma porta de fortaleza de transição, não permitindo assegurar uma defesa adequada a uma estrutura fortificada com estas características.
5. As características tipológicas da Porta de Mar são próprias de um sistema de arco estrutural, como encontramos noutros espaços da fortaleza do século XVI, assim como nos baluartes de Ceuta.

Interpretando estes dados, à primeira vista contraditórios, tudo conduz para uma única possibilidade. Podemos concluir que a denominada **Porta do Mar** corresponde a um arco estrutural construído pelos portugueses para permanecer aberto, apenas durante o período de construção da fortaleza e da vila no seu interior. Terá sido construída em finais de 1542, aquando do encerramento do perímetro fortificado e através dela foi possível realizar a entrada de pequenas embarcações dentro do perímetro fortificado, com ligação directa à Rua da Carreira, a principal via de ligação e distribuição no interior da praça. Após a conclusão dos principais trabalhos de construção da vila, seguramente antes do cerco de 1562, o arco foi encerrado, assim permanecendo durante todo o restante período de permanência portuguesa, tendo sido realizadas algumas construções à sua frente, no interior

do Mar, o tipo de pedra utilizado e a qualidade do aparelho são características que se identificam perfeitamente com os diversos elementos de cantaria pertencentes à construção iniciada em 1541. Uma construção de qualidade que reflecte o domínio das técnicas construtivas que os portugueses possuíam, neste período.

Após a retirada de 1769, fortificação e vila permaneceram em ruínas durante cerca de cinquenta anos. Em 1821, foi iniciado um conjunto de **intervenções por parte dos marroquinos**. Em relação a estas intervenções, realizadas, durante o século XIX, em diversos elementos da estrutura fortificada, é escassa a documentação que podemos encontrar em Marrocos. No entanto, a análise das estruturas existentes, permite reconhecer com clareza, algumas características comuns a estas obras, nomeadamente, ao nível da tipologia dos elementos construídos, do tipo de pedra e do aparelho utilizados na construção. De modo geral, são intervenções rudimentares, com uma construção pobre, com elementos de cantaria de reduzida dimensão, de um arenito pouco resistente. Concluímos que a Porta do Mar possui características construtivas claramente distintas das que reconhecemos nas intervenções marroquinas de meados do século XIX, nomeadamente no que se refere à qualidade da construção, ao tipo de pedra e à qualidade do seu aparelho.

A **tipologia** do arco da Porta do Mar corresponde a uma solução estrutural que apresenta semelhanças com outros elementos da construção do século XVI, como acontece com o interior do Baluarte de Santo António ou com a estrutura interior da Porta da Ribeira. A própria fenda, recortada na cantaria desta porta, para a descida de grelha de protecção, é idêntica àquela que encontramos na Porta do Mar.

Também em **Ceuta**, no interior dos robustos baluartes, construídos na sequência dos de Mazagão, encontramos arcos, com funções estruturais, com uma tipologia semelhante. Com dimensões consideráveis, estes arcos integram a sólida estrutura dos muros exteriores dos baluartes, reforçando as zonas junto dos orelhões. Tudo indica terem sido construídos, desde origem, para permanecerem encerrados.

Por último, voltando a Mazagão, sabemos que a **Porta dos Bois**, pequena abertura em arco, incluída na cortina Norte, foi construída de origem em 1542, com o objectivo de assegurar e facilitar a entrada de materiais no interior do perímetro, provenientes, em grande parte, da abertura do fosso. Durante o cerco de 1562, já após os trabalhos de abertura do fosso Norte, a porta foi encerrada. Assim permaneceu até ao século XX, quando foi reaberta, na sequência do atulhamento do fosso.

Deste modo, chegamos às seguintes conclusões:

1. As representações gráficas, correspondentes ao período português, indicam que a Porta do Mar não existia, no momento a que se referem, nomeadamente entre 1562 e o século XVIII.
2. Fotografias, de finais do século XIX, apresentam a Porta do Mar tal como a conhecemos hoje.
3. As suas características construtivas, incluindo o tipo de pedra e o tipo de aparelho da cantaria com que é construída, são idênticas às que encontramos nos elementos da fortaleza construídos desde 1541 e não apresentam qualquer semelhança com as características das intervenções marroquinas do século XIX.
4. A sua tipologia não corresponde à de uma porta de fortaleza de transição, não permitindo assegurar uma defesa adequada a uma estrutura fortificada com estas características.
5. As características tipológicas da Porta de Mar são próprias de um sistema de arco estrutural, como encontramos noutros espaços da fortaleza do século XVI, assim como nos baluartes de Ceuta.

Interpretando estes dados, à primeira vista contraditórios, tudo conduz para uma única possibilidade. Podemos concluir que a denominada **Porta do Mar** corresponde a um arco estrutural construído pelos portugueses para permanecer aberto, apenas durante o período de construção da fortaleza e da vila no seu interior. Terá sido construída em finais de 1542, aquando do encerramento do perímetro fortificado e através dela foi possível realizar a entrada de pequenas embarcações dentro do perímetro fortificado, com ligação directa à Rua da Carreira, a principal via de ligação e distribuição no interior da praça. Após a conclusão dos principais trabalhos de construção da vila, seguramente antes do cerco de 1562, o arco foi encerrado, assim permanecendo durante todo o restante período de permanência portuguesa, tendo sido realizadas algumas construções à sua frente, no interior

da Praça. O arco terá sido reaberto pelos marroquinos após 1821, num processo que apresenta semelhanças com o da Porta dos Bois.

Recuando até aos anos de 1541 e 1542, apercebemo-nos das difíceis e árduas condições em que decorreram os trabalhos de construção. Pouco depois do ataque a Santa Cruz do Cabo, num momento em que o poder militar dos mouros era particularmente temido, a realização de uma obra com esta escala, em território hostil, levantava sérias questões de segurança. Desde o início dos trabalhos, foi assegurada a presença de um número considerável de soldados e a permanência de uma esquadra fundeada frente à vila. Receando o ataque e cerco dos mouros, o **encerramento do perímetro** fortificado era uma urgência para o capitão Luís de Loureiro e para o arquitecto João de Castilho. Por outro lado, numa obra desta dimensão, onde trabalharam mais de mil operários e centenas de soldados, e onde era vital a rapidez da construção, tornava-se imprescindível a existência de um **acesso fácil e directo**, do mar ao interior da praça. O arco da Porta do Mar, protegido pela grade de ferro que descia do interior do reparo, permitiu encerrar o perímetro fortificado, permitindo o acesso de materiais, soldados e pedreiros, durante os trabalhos de enchimento e definição do nível interior da praça e a construção da vila. A dimensão do vão está adaptada à passagem de pequenas embarcações, que, durante a maré-alta, podiam aceder directamente ao interior do perímetro e à Rua da Carreira, a principal via de distribuição no interior da malha. Logo que o ritmo dos trabalhos o tenha permitido, seguramente, antes do cerco de 1562, o arco foi encerrado por panos de alvenaria, assegurando o necessário grau de protecção da fortificação. Num processo semelhante ao que aconteceu com a pequena Porta dos Bois, foi reaberto mais de duzentos e cinquenta anos depois.

Concebido para permanecer aberto durante um curto período, o arco da Porta do Mar é uma estrutura racional, cuidadosamente integrada e de sólida construção, como impunha o magnífico plano de Benedetto da Ravena e o rigor construtivo de João de Castilho. Hoje é uma marca do árduo momento da construção do conjunto, que, por paradoxo, constituiu também o momento mais importante da história de Mazagão.

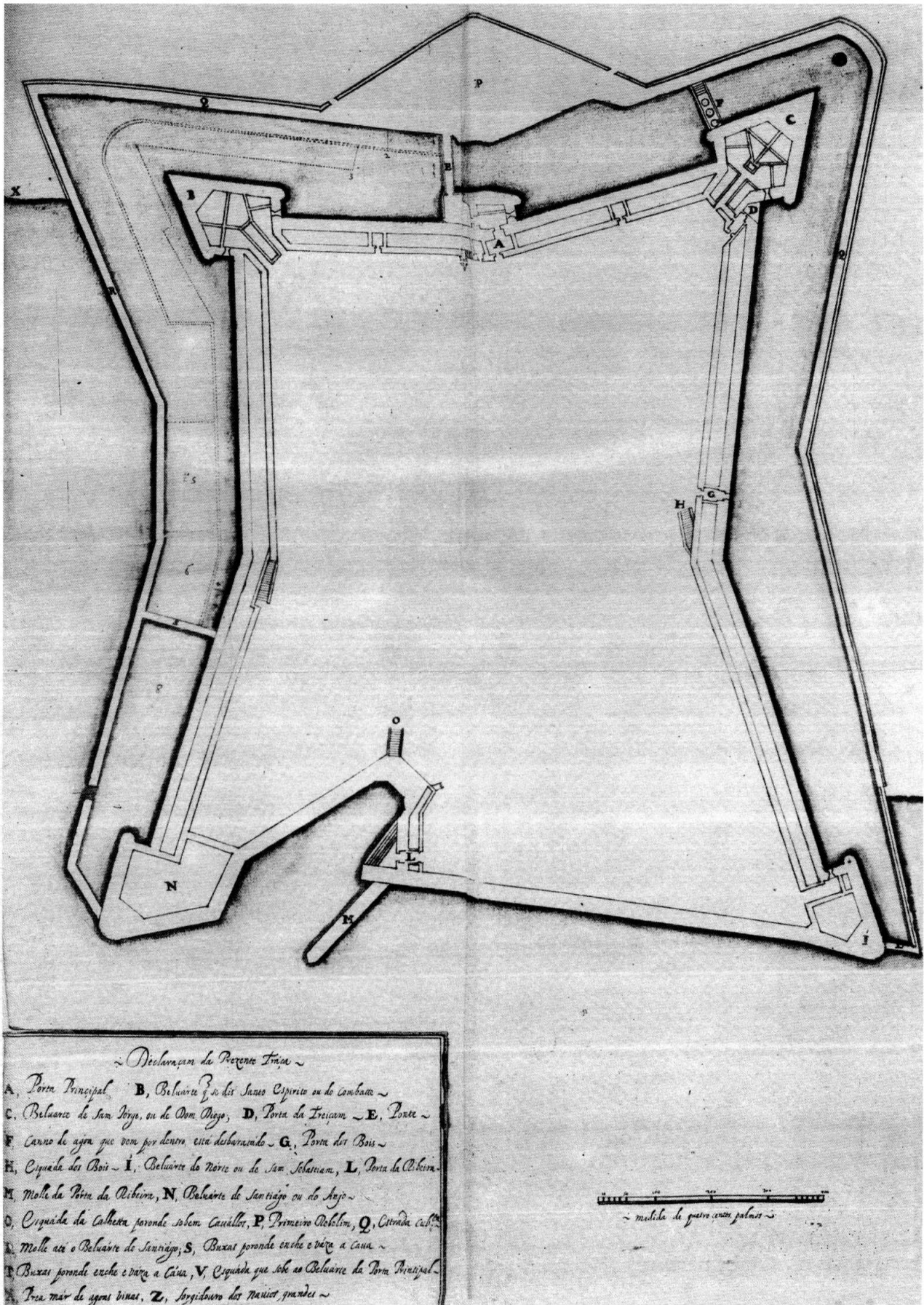


Figura 1: Fortaleza de Mazagão. Planta de 1611.



Figura 2: Fortaleza de Mazagão, por volta de 1920 (fotografia do arquivo do “Ministère de l’Habitat” do Reino de Marrocos).

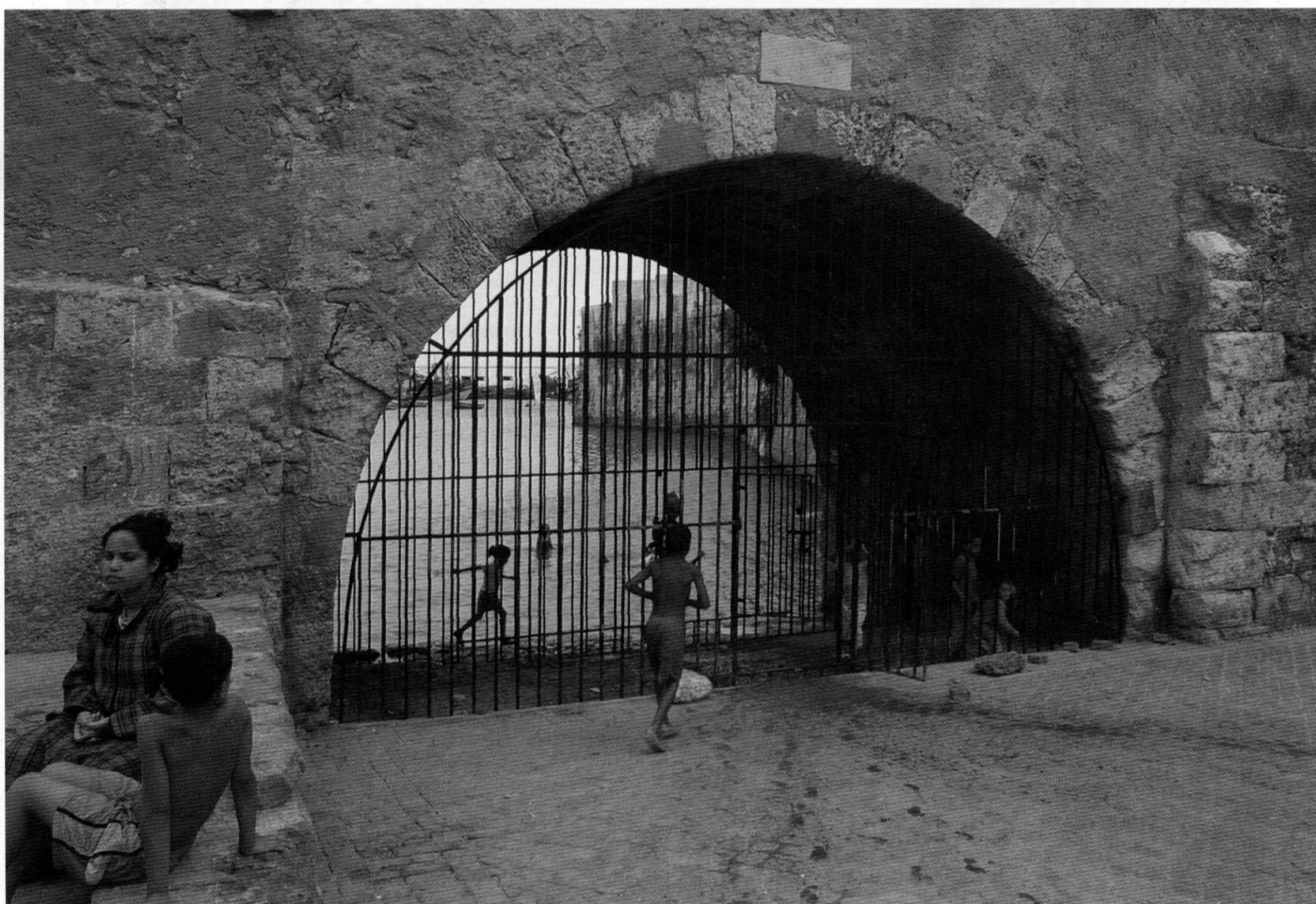


Figura 3: Fortaleza de Mazagão, 2007. Porta do mar, vista do interior da fortaleza (fotografia do autor).

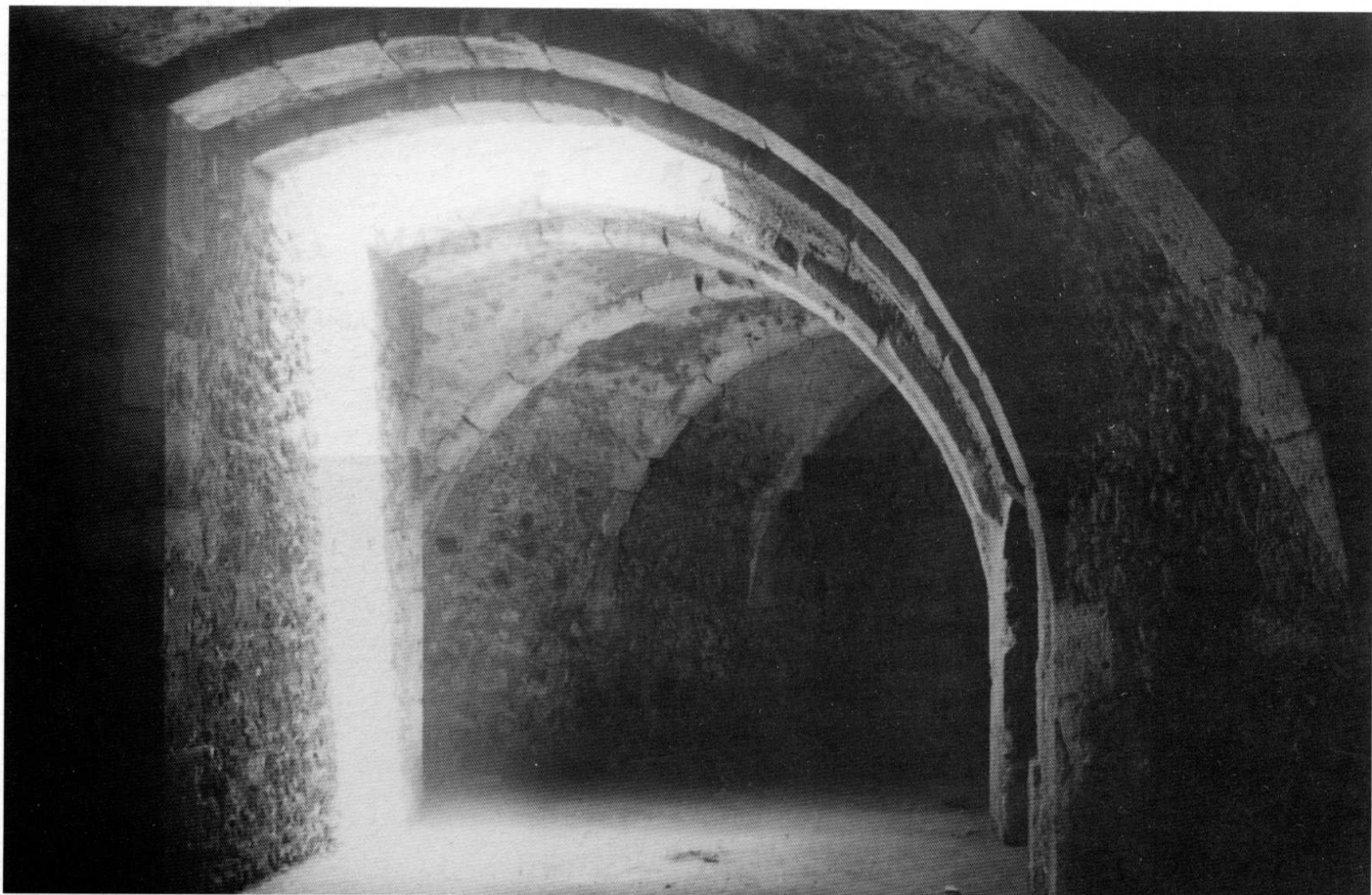


Figura 4: Fortaleza de Mazagão, 2007. Interior do Baluarte de Santo António (fotografia do autor).



Figura 5: Fortaleza de Ceuta, 2009. Arco estrutural no interior de um dos baluartes (fotografia do autor).



Figura 6: Fortaleza de Mazagão, 2007. Frente marítima e Porta do Mar (fotografia do autor).